



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

A OPACIDADE DA IMAGEM NO DESVELAR DA EVIDÊNCIA SUBJETIVA

Carolina Fernandes¹ (UNIPAMPA)

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo discursivo da materialidade imagética que torna visível o funcionamento da evidência subjetiva, aquela que dissimula para o sujeito sua constituição ideológica. Sendo o sujeito discursivo afetado pela ideologia de um lado e pelo inconsciente de outro, ele não tem consciência de seu assujeitamento. A partir da análise de duas capas de revistas, buscamos desvelar essa evidência subjetiva, mostrando que o sujeito imprime sua interpelação ideológica na interpretação da imagem.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito; ideologia; formações discursivas; imagem.

RÉSUMÉ: Cet article présente une réflexion sur le processus discursif de la matérialité d'image qui rend visibles le fonctionnement de l'évidence subjective, celle qui dissimule sa constitution idéologique. Être l'objet du discours touchés par l'idéologie d'une part et de l'inconscient d'un autre, il n'est pas au courant de leur assujettissement. De l'analyse de deux couvertures de magazines, nous dévoilons cet évidence subjective, montrant que le sujet affiche son interpellation idéologique dans l'interprétation des images.

MOTS-CLÉS: sujet; idéologie; formation discursive; image.

INTRODUÇÃO

No atual percurso da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), é crescente o interesse por ampliar a unidade de análise do discurso, antes restrita à materialidade linguística, para outras formas significantes, como a imagem. As novas materialidades implicam novos modos de configuração do dispositivo teórico-analítico, pois como propõe Orlandi (2008), cada materialidade significativa apresenta especificidades que indicam novas discursividade.

Para efetuar essa virada teórica e metodológica, é preciso, ao mesmo tempo, manter e reformular as bases epistemológicas da disciplina. Manter, porque não se pode esquecer que o objeto de estudo da AD é o discurso e não suas formas de textualização. Sendo assim, para compreender como qualquer materialidade significativa produz sentido é preciso considerar, em AD, uma teoria não-subjetiva da subjetividade. Dessa forma, a primeira parte

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

do artigo trata da definição de sujeito para a AD e sua relação com a produção de sentidos por meio da materialidade linguística, tal qual no princípio da elaboração da teoria.

Em um segundo momento, deslocamos o enfoque dado à língua como materialidade discursiva e investigamos como a imagem produz sentido, ou ainda, de que modo os discursos e os sujeitos se constituem na materialidade imagética. Para isso, analisaremos discursivamente duas capas de revista sobre a renúncia de Fidel Castro ao governo cubano, uma da revista *Veja* e outra da revista *Carta Capital*. Esses são dois hebdomadários semanais que tratam de assuntos diversos, entretanto revelam posições ideologicamente divergentes no que tange a assunto políticos.

As capas analisadas trazem uma peculiaridade: ambas utilizam a mesma imagem de Fidel Castro para produzir diferentes efeitos de sentido, revelando a existência de formações discursivas antagônicas e, assim, de diferentes imaginários acerca do líder cubano. Com essas análises, buscamos tornar visível a opacidade da imagem e sua relação com a constituição da subjetividade e da produção de sentidos.

1. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DO SENTIDO NA ANÁLISE DE DISCURSO

Em Análise de Discurso, “a questão da constituição do sentido junta-se à constituição do sujeito” (Pêcheux, [1975]/2009, p. 153-154), já que é pela apropriação dos sentidos historicamente constituídos que o sujeito se inscreve no discurso e por essa inscrição que os enunciados produzem sentido.

Essa relação estreita entre a subjetividade e a significação é explicada na AD pelo fato de se entender que a interpelação do sujeito pela ideologia se efetua por meio da linguagem, ou seja, pela materialização da ideologia na língua, o que constitui regiões de saberes, as ditas *formações discursivas* (FDs).

É, portanto, a partir da inscrição do sujeito em uma FD que este se constitui como sujeito ideológico e se torna capaz de fazer a linguagem produz sentido. A seguir, explicitaremos essas definições.

1.1 O CONCEITO DE SUJEITO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

Desde o início da elaboração da base teórica da AD, a categoria de sujeito é deslocada da noção empírica de homem para a de sujeito do discurso, o que implica sua não redução ao indivíduo de carne e osso, dotado de consciência. Embora percebido pela ótica da linguagem, o conceito de sujeito da AD diferente da concepção proposta por linguistas, como Émile Benveniste, que o reduzem a uma mera marca linguística. Para Pêcheux ([1969]/1993, p.77), “o sujeito corresponde a certo lugar no interior de uma formação social dada”. O sujeito passa a ser visto como uma projeção social, construída a partir dos sentidos constituídos social e historicamente.

Essa anulação do sujeito como “organismo humano individual” (idem) e sua inscrição na linguagem, pelo viés do sentido, faz Pêcheux, juntamente com Fuchs, buscar, na Psicanálise, as bases para a elaboração de uma “teoria não-subjetiva da subjetividade”. Para tanto, encaminha seus estudos articulando em torno do conceito de sujeito as noções de ideologia e de inconsciente.

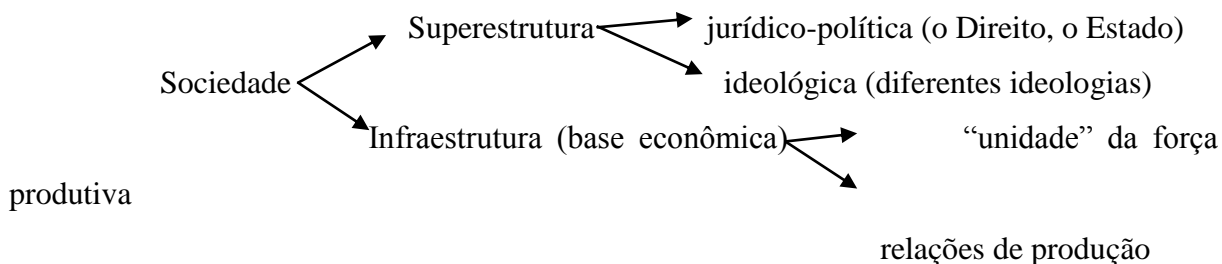
Para tratar do sujeito afetado pela ideologia, Pêcheux busca na leitura althusseriana de Marx a relação entre ambos os conceitos. Nesse trabalho, Althusser revisita a teoria marxista para reelaborar a noção de *ideologia*, tendo como embasamento teórico o Materialismo Histórico.

Para Marx e Engels ([1946]/2003), a existência humana não é uma abstração, nem é individual, ela se realiza pelo conjunto das relações sociais. O princípio do Materialismo Histórico é mostrar que o homem é determinado e determinador da história, são os homens o motor da história dirá Marx. Sobrinho (2011) observa que é pelas relações de produção, propulsora da divisão do trabalho e dos meios de produção, que se originam as classes sociais, ou seja, o modo como a sociedade se organiza é uma construção ideológica forjada para e pelos indivíduos a fim de que possam manter suas condições materiais de existência. Na interpretação althusseriana, o Materialismo Histórico aponta a ideologia como um processo histórico necessário ao ser humano enquanto homem social.

A ideologia é, para Louis Althusser, materialidade e não pura inversão da realidade como creem alguns leitores de Marx que jogam esse conceito ao plano das ideias. A



fim de evidenciar a materialidade ideológica, Althusser ([1968]/1992)² recupera de Marx e Engels a estrutura social por eles forjada com base nas relações econômicas:



Apoiado ainda em Marx, o autor (ibidem, p.53) assevera que “a condição última da produção é a reprodução das condições de produção” que garante a existência das formações sociais e sua manutenção. O modo de produção que domina uma formação social é regulado pela superestrutura ideológica, conforme consta no esquema acima. É ela que dá suporte à base econômica, fornecendo condições à sua reprodução, ou seja, a reprodução das relações de produção.

Para o autor (ibidem, p.84), a ideologia “representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Desse modo, Althusser considera que a ideologia está materialmente ligada à base econômica, já que é esta que a determina. Nesse caso, o âmbito da superestrutura está intrinsecamente ligado ao da infraestrutura. Entendemos que a ideologia é percebida por esse teórico como sendo uma relação social necessária para a constituição da estrutura social, onde são determinados e institucionalizados os lugares sociais. Não se trata de uma falsificação dos elementos concretos, mas da relação entre eles, que é imaginária.

Desse modo, Althusser propõe uma teoria para a *ideologia em geral* aproximando a definição marxista de uma ideologia particular, dominante, representativa de certa posição de classe. Essa teoria se propõe como um estudo das representações das condições de produção do sujeito para o sujeito. Como observa o autor (ibidem), o que permite à ideologia atuar na reprodução das relações de produção é “a interpelação ideológica (ou assujeitamento) do indivíduo em sujeito”.

² A data da produção do texto é estimada, já que sua publicação, na França, consta como sendo do ano de 1970. Optamos por manter as datas originais dos textos por uma questão de coerência para com o desenvolvimento das teorias.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

É esse ponto da teoria de Althusser que Pêcheux recupera para pensar na constituição de um sujeito plenamente ideológico. Pêcheux & Fuchs ([1975]/1993, p.166) interpretam a tese althusseriana: *a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*, da seguinte forma:

[a interpelação ideológica funciona] de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, *a ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas).

Para os autores (ibidem), tal interpelação não ocorre de modo geral, como se todos tivessem de compartilhar a mesma opinião, mas de modo específico, a partir de uma *formação ideológica* que, segundo Pêcheux & Fuchs (ibidem, p.166): “constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”.

A *formação ideológica* compreenderia o que Althusser considerou como “*uma ideologia*” na tese: “só há prática através de ‘uma’ ideologia”, ou seja, de uma determinada formação ideológica que corresponde a um modo específico de representação das relações de produção.

Nesse sentido, na conjuntura social da época, o operário e o patrão, por exemplo, não são afetados pela mesma formação ideológica. Todavia, como observa Pêcheux ([1975]/2009), não se pode dizer que o operário e o patrão não “falam a mesma língua”, já que, para o autor (ibidem, p. 144), “é impossível atribuir a cada classe sua ideologia, como se cada uma delas vivesse ‘previamente à luta de classes’”, o que significa que é a *Ideologia em geral*, que interpela os indivíduos em sujeitos, interpelando a todos indistintamente, constituindo *sempre-já-sujeitos*. Essa conclusão explica a reflexão de Althusser de que o indivíduo, ainda no ventre da mãe, é desde sempre interpelado pela ideologia, logo é desde sempre sujeito.

No entanto, para ser atuante na sociedade, operar discursivamente, o sempre-já-sujeito deve ser interpelado por uma ideologia específica que determinará o seu lugar nessa sociedade, “representando para ele quem ele é” (idem). Essa ideologia específica se



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

materializa na linguagem que distingue para esse sujeito ideológico “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (Pêcheux et al., 1971, p. 148).³ Eis aí o conceito de formação discursiva tomado como um recorte discursivo da formação ideológica, ou ainda, como uma representação na linguagem da ideologia particular⁴.

Para compreender o funcionamento da interpelação ideológica, é preciso rever o apelo feito à Psicanálise na formulação de uma teoria da subjetividade no interior da AD. Para explicar a rejeição ao sujeito consciente, centrado e único da Enunciação, Pêcheux e Fuchs, interpretando as teorias de Freud e as reformulações de Lacan, elaboram os conceitos de esquecimento nº 1 e nº 2 através dos quais sujeito e sentido são relacionados.

Segundo os autores ([1975]/1993, p. 169), o esquecimento nº 1 corresponde “à ilusão do sujeito de estar na fonte do sentido”, como se o sentido pudesse ser individual, brotado de “suas próprias ideias”, ou mesmo, universal, como um construto estável. Esse esquecimento diz respeito à interpelação do sujeito por uma certa formação ideológica que impõe a ele os sentidos, ao mesmo tempo que dissimula essa imposição, escapando à sua consciência seu assujeitamento. Essa falta de consciência ocorre devido à inscrição desse processo, como consideram os autores (ibidem, p. 177), “numa zona inacessível ao sujeito cuja natureza é essencialmente inconsciente”.

Saindo da zona do inconsciente e abrangendo a área do pré-consciente, o esquecimento nº 2 mostra a ilusão do sujeito em tentar obter controle sobre o sentido do que enuncia. A partir de retomadas e explicações do dito, o sujeito vai penetrando numa zona que considera mais ou menos segura, que lhe permite arranjar os elementos sintáticos de uma formulação com certa liberdade, porém vale salientar que tal liberdade é limitada pela formação discursiva.

Com esses conceitos, Pêcheux e Fuchs produzem as formulações necessárias à criação de uma *teoria não-subjetiva da subjetividade*. Entretanto, o projeto só se efetiva de

³ «ce qui peut et doit être dit [...] à partir d’une position donnée dans une conjoncture donnée ». (Pêcheux et al., 1971, p. 148). Tradução nossa.

⁴ Na evolução da teoria discursiva, as noções de sujeito e formação discursiva admitem um caráter heterogêneo a partir da reflexão de Pêcheux em “Remontémons de Foucault a Spinoza”, texto escrito para evento no México em 1977, onde percebe a heterogeneidade da noção mesma de ideologia.



fato num texto simultâneo a este que Pêcheux assina sozinho, *Les Vérités de la Palice*⁵ (1975), no qual articula mais claramente as noções de ideologia, inconsciente e discurso em torno da noção de sujeito. Vejamos como essa articulação procede.

Pêcheux ([1975]/2009, p. 133), ao retomar a asserção althusseriana:

o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão, para que ele “realize por si mesmo” a reprodução de suas condições de existência.

procura explicar a ambiguidade “de um sujeito livre, que caminha por si só, ao mesmo tempo que é subjugado” (Althusser, op.cit.), por meio da relação que faz com o *inconsciente*. Para isso, Pêcheux compara o *Sujeito*, com “s” maiúsculo de Althusser, ao *Outro*, com “o” maiúsculo de Lacan, que corresponde ao inconsciente, concluindo, então, que “o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados” (Pêcheux [1975]/2009, p.155) de modo que este se realiza por meio daquele. O apagamento da verdadeira constituição do sujeito pelo inconsciente provoca a *evidência do sujeito* de se considerar um ser único, insubstituível e idêntico a si mesmo.

Segundo Pêcheux (idem, p. 153), ainda apoiado em Althusser, “a evidência de que vocês e eu somos sujeitos [...] é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”. A característica de elementar à evidência subjetiva se explica pela necessidade do sujeito de “esquecer” que não é origem do sentido a fim de se tornar atuante socialmente, ou, como propôs Mittmann (2007, p.153), “o funcionamento do inconsciente é condição para estarmos cientes”.

O sujeito não escapa da ideologia, assim como não escapa da linguagem. Se a ideologia e o inconsciente estão materialmente ligados, é porque se encontram no discurso e este, por sua vez, encontra-se materializado na linguagem, por meio da formação discursiva. Como observam Pêcheux e Fuchs ([1975]/1993), não se vê o discurso por aí, com uma forma concreta pronto para ser apanhado e estudado feito um ser vivo. O discurso se realiza por meio da linguagem que lhe imprime um modo de “aparecer”, de se tornar visível, ao mesmo

⁵ Publicado, em 1988, em Língua Portuguesa sob o título de “*Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*”.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

tempo em que se esconde. É esse jogo discursivo que possibilita a materialização do jogo ideológico.

Com a transformação da conjuntura social e intelectual assim como o deslocamento significativo que a AD sofreu na França, os analistas do discurso que continuaram a desenvolver seus trabalhos na linha pêcheutiana sentiram a necessidade de reformular a noção de *ideologia*, desprendendo-a do conflito de classes e aproximando-a ainda mais do discurso, foco principal dos estudos desenvolvidos no Brasil.

Desse modo, Orlandi (1996, p.48), num trabalho onde desenvolve a noção de *interpretação*, desloca o conceito de ideologia do âmbito sociológico para um enfoque mais discursivo, passando, assim, a tratar a ideologia como *uma prática significativa*. Sua reformulação tem como suporte o estreito vínculo entre sujeito e interpretação, considerada como “atividade languageira do sujeito” (ibidem). Se o sujeito está sempre interpretando, produzindo efeitos de sentido, é porque ele é afetado pela Ideologia e por *uma* ideologia.

Retomemos, então, a paráfrase althusseriana feita a partir de Kant de que “o homem é por natureza um animal ideológico” (Althusser, 1992, p. 94). O aspecto “natural” da interpelação ideológica diz respeito à impossibilidade do sujeito significar, proceder discursivamente, senão pela ideologia.

Sendo assim, Orlandi (idem, p.65) entende que a ideologia pode ser considerada como: “o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado”.

A ideologia, como observa a autora (ibidem, p.66), “não oculta sentidos”, mas a constituição destes, tornando-os evidentes para o sujeito que os crê fixos. Assim, a ideologia constitui a relação entre sujeito e sentido de modo que Orlandi (op.cit. p.31) a percebe como sendo “interpretação de sentido em certa direção”, considerando essa direção determinada pelo modo como o sujeito é “apanhado” pela ideologia no momento mesmo de sua atividade languageira. Essa ideologia que “apanha” ou interpela o sujeito em sua inscrição no discurso é a ideologia particular determinada pelas formações discursivas.

Veremos agora como essa definição de sujeito ideológico e inconsciente afetado pela linguagem se aplica à análise do discurso através da materialidade imagética.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

2. O SUJEITO DISCURSIVO EVIDENCIADO PELA OPACIDADE DA IMAGEM

Como vimos acontecer com o conceito de ideologia, a AD revisita seu campo teórico e metodológico constantemente, buscando sempre uma maior compreensão das práticas discursivas e dos modos de produção dos sentidos. E as diferentes possibilidades de materialização do discurso se tornaram o ponto mais revisitado da teoria do discurso, sobretudo com relação à elaboração do dispositivo teórico-analítico.

Já com Pêcheux, havia a preocupação em compreender o funcionamento do que ele denominou de *gestos no nível simbólico*:

Existe, por outro lado, um sistema de signos não-linguísticos tais como, no caso do discurso do parlamentar, os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os “movimentos diversos”, que tornam possíveis as intervenções indiretas do auditório sobre o orador; esses comportamentos são na maior parte das vezes *gestos* (atos no nível do simbólico) mas podem transbordar para intervenções físicas diretas; infelizmente, faz falta uma *teoria do gesto como ato simbólico* no estado atual da teoria do significante. (Pêcheux, [1975]/2009, p.78)

Analisando o discurso de um parlamentar, Pêcheux conclui que não é suficiente analisar a materialidade linguística desse discurso, que há outras materialidades igualmente ideológicas que influem no processo discursivo como a manifestação gestual do auditório que molda possivelmente a fala do orador como também pode levar a agressões físicas entre os parlamentares. Esses “gestos no nível simbólico” não podem ficar incólumes para o analista. Portanto, assim como a materialidade linguística, os gestos e as imagens passam a se tornar material de estudo, já na França encontramos no trabalho de Courtine (1999/[1983]) em *La touche de Clémentis* a análise de uma foto mostrando a atuação da memória discursiva por meio da imagem apagada de um político cuja presença-ausência se manifesta pela imagem de seu gorro emprestado a outro político que permanece na fotografia da qual foi retirado. Também o próprio Pêcheux ([1983]/ 1990) se aventura pela análise do não-verbal ao tratar do enunciado *on a gagné* analisado em *Structure or Evenement* onde mostra que a forma material e a entonação do enunciado remete a uma formação discursiva diferente da qual estava sendo utilizado no momento da vitória de François Mitterrand na França, o que compreende um deslocamento da ordem de um acontecimento discursivo.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

Essas análises abrem espaço para a investigação do não-verbal em uma perspectiva discursiva, tomando a imagem ou os gestos como materialidades do efeito de sentido e não apenas como signos atuantes em um sistema como o quer a Semiótica, teoria tradicional na Linguística para o trato do não-verbal. Para Souza (2001, p. 66), “o projeto semiótico peirceano visa formular ‘matematicamente’ através de axiomas a forma significante do não-verbal”, o que leva ao congelamento do significado e ao apagamento da historicidade do sentido segundo essa autora.

E a imagem se coloca hoje como a materialidade discursiva mais investigada. É possível notar em encontros realizados no Brasil, ou mesmo cursos de pós-graduação, só para tratar da relação entre imagem e discurso⁶. Como o *discurso* é conceituado como sendo “efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, [1969]/1993, p. 82), não há uma ligação direta com a forma linguística, mas com o sentido. Toda a formulação que produz sentido passa a ser vista como *materialidade discursiva*. Mas é preciso reconhecer a especificidade da AD no modo de considerar essas diferentes formas de corporificar o discurso.

Primeiramente, faz-se necessária uma observação sobre o que se considera por *materialidade* ou ainda *material* em AD. Orlandi (2012) explica que o conceito de materialidade não deve ser banalizado, sendo referido apenas à natureza dos objetos, ou aos suportes textuais distintos, como vem sendo mencionada. A dita *forma material* para a autora carrega em si os preceitos do materialismo histórico e do materialismo dialético que fazem alerta para os conceitos de ideologia e história. Pêcheux, ao articular ideologia e inconsciente na linguagem, revela que os sentidos são constituídos historicamente por meio dessa relação simbólico/ideologia/inconsciente, como já vimos. E é a materialidade que permite entender o funcionamento da ideologia pelo inconsciente. Portanto, a *materialidade significante*, como prefere chamar Lagazzi (2010), envolve essa relação, o que a torna “nem abstrata, nem concreta, nem empírica” (ORLANDI, 2012, p. 74), mas *matéria simbólica*.

Considerando esse caráter material do discurso, sua materialidade não pode passar por mera representação. Orlandi (idem) alerta que o analista de discurso deve atravessar a

⁶ 1º “Encontro Internacional da Imagem em Discurso” (realizado na UEM, Maringá, PR, em março de 2012); “V Jornada Nacional e I Internacional em Análise do Discurso na Ciência da Informação: ‘Leitores de Imagens’”(UFSCar, realizado em novembro 2012); Curso de especialização em Discurso e Leitura de Imagem (UFSCar, iniciado em 2012), só para citar alguns.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

transparência e o efeito de literalidade do discurso (sentido referencial) para atingir a opacidade da forma material. É isso que afirma Pêcheux, tratando especificamente da imagem:

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda [...]. (PÊCHEUX, [1983]/1999, p. 55).

Entender a imagem como materialidade é considerar que ela não é representação do mundo, que está suscetível ao jogo, ao equívoco, à falha, ao deslize. Considerar, então, a imagem opaca e muda significa a possibilidade de atribuir-lhe sentidos que podem ser até mesmo opostos. Isso depende do crivo da formação discursiva pela qual a imagem passa. Devido à sua opacidade, não-transparência, a imagem coloca em evidência a constituição ideológica do sujeito. A formação discursiva faz o olhar ver o que “pode e deve ser visto”, restringindo as possibilidades de interpretação para um sentido único, aquele necessário para a criação de um imaginário que determina o modo de ver a imagem.

Sendo assim, o sujeito atribui sentidos fixos, não às palavras, mas às imagens, que passam a ser estáticas e intocáveis para o sujeito como efeito dos esquecimentos 1 e 2. A seguir, analisaremos a imagem trazida na SD 01, para mostrar como uma mesma representação simbólica pode produzir sentidos distintos conforme formações discursivas antagônicas.

2.1 A IMAGEM E A NEGAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO

A imagem fotográfica consensualmente é vista como uma representação verídica do mundo. Ela é tida como prova no discurso jurídico, podendo acusar ou inocentar um réu. É ainda tomada como o registro de acontecimentos, o que ocorre nas formulações jornalísticas e fica, dessa forma, como documento que eterniza um evento histórico.

A imagem apresentada na sequência discursiva imagética 01 é uma fotografia do líder comunista cubano Fidel Castro. Na foto, vemos Fidel de perfil na penumbra, calado, mas



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

com o microfone próximo à boca, o que nos permite entender que se trata de um instante de pausa em seu discurso político.

SD 01



Essa imagem foi manipulada por duas revistas brasileiras, *Veja* e *Carta Capital*, na mesma época, para compor a capa fazendo chamada à reportagem sobre a renúncia oficial de Fidel Castro da Presidência do Conselho de Estado Cubano, em 2008, por razões de saúde (SDs 02 e 03).

SD 03



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014



SD 04





EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

Nas duas capas, vemos que a imagem é recortada e mais escurecida, tornando a penumbra mais intensa. A referência ao microfone é apagada da imagem, mostrando um Fidel calado, sem ação, com expressão séria e taciturna.

Em *Veja*, o “fim melancólico” explicita, na linguagem verbal, o sentido de “fracasso”, de derrota do governo fidelista. O número de anos citado em que Fidel ficou no poder faz ressoar o seguinte dizer já enunciado por *Veja* em outro contexto: “Esse espectro [o comunismo] rondou a Europa durante setenta anos” (*VEJA*, 5 de abril de 1989). O enunciado foi recortado de uma reportagem que trata da derrota do Partido Comunista às eleições presidenciais na até então URSS. Com o enfraquecimento do comunismo na Europa, *Veja* produz a reportagem do dia 5 de Abril antecipando a dissolução da União Soviética que ocorreria apenas em dezembro de 1991, conforme análise feita por Fernandes (2011). Ao apontar a duração da chefia de Fidel como um tempo em que este “hipnotizou a esquerda”, produz o efeito de inflexibilidade do regime comunista cubano tal qual o produzido pelo efeito de concretude do comunismo russo representado pela imagem do símbolo do Partido Comunista Russo em concreto partido (*idem*).

Desde sua primeira edição, percebemos (Fernandes, 2008) a crítica de *Veja* ao regime comunista, o que atesta a produção de sentidos negativos para o líder comunista cubano. Nesse mesmo trabalho (*idem*), ao compreender o processo discursivo de construção do imaginário de *Veja* sobre o político Luiz Inácio Lula da Silva, concluímos que o grupo⁷ jornalístico *Veja* filia-se a uma formação discursiva capitalista, sempre crítica aos discursos de esquerda. Para Lula, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), *Veja* manteve uma ressonância de sentidos negativos, mostrando uma imagem mais favorável somente quando comprova a eficácia das medidas tomadas por Lula no campo econômico, como a própria capa revela no canto superior: “Lula surfa nos bons números do capitalismo brasileiro”. Nesta imagem, o então presidente Lula surge como um herói para a economia capitalista. Já Fidel Castro é visto como um fantasma, um fracassado econômico.

Por essa filiação ideológica, é possível perceber os efeitos de sentidos produzidos por “já vai tarde”. Essa expressão é habitualmente usada no discurso oral para indicar

⁷ A ideia de *grupo* provém do conceito de *lugar discursivo* que se refere ao espaço de enunciação da revista que é determinado ideologicamente conforme a formação discursiva que a interpela (Fernandes, 2008).



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

desprezo e alívio por alguém indesejado que vai se afastar. Como o comunismo na Europa extinguiu-se há mais de 20 anos, o grupo *Veja* entende que já está tardia a descentralização desse regime em Cuba. O “já vai tarde” também se refere a essa demora de Cuba abandonar o comunismo. No entanto, sabe-se que o afastamento de Fidel Castro por motivos de saúde, e não por força política, não diz respeito ao fim do comunismo em Cuba, uma vez que o poder passa a seu irmão Raul Castro. Trata-se, portanto, de mais uma previsão como fez com o Partido dos Trabalhadores na reportagem “... era vidro e se quebrou. A história de uma tragédia política” (*Veja*, 09/10/2005), também analisada por Fernandes (2011).

Já no discurso de *Carta Capital* o efeito de melancolia não se exerce na imagem do próprio Fidel, mas na sua ausência. Há um pesar por se ver Cuba desprovida dos mandos do líder revolucionário. Como se essa terra estivesse “abandonada”, sem uma liderança forte.

A FD em que se insere *Carta Capital* a permite ver a penumbra de forma diferente do que é permitido a *Veja* ver na imagem fotográfica da SD 01. Ao lado da análise do discurso de *Veja* sobre Lula, analisamos (Fernandes, 2008) o discurso de *Carta Capital* e percebemos se tratar de um grupo antagônico ao grupo *Veja* no que diz respeito à política. *Carta Capital* é uma revista simpatizante dos preceitos socialistas, como nos foi possível perceber na construção de um imaginário de homem do povo para Luiz Inácio Lula da Silva. Em virtude do lugar discursivo em que se instaura o grupo jornalístico de *Carta Capital*, é possível dizer que o efeito produzido para a imagem de Fidel Castro é o de lamento por Cuba perder a liderança do famoso revolucionário.

As duas FDs antagônicas permitem a produção de uns sentidos em detrimento de outros, fazendo com que a mesma representação imagética sirva a efeitos tão distintos. É assim que o filtro da formação discursiva trabalha, selecionando uns sentidos e excluindo outros conforme a ideologia, ou ainda, os sentidos que se esperam produzir.

A imagem, portanto, é uma materialidade discursiva que, apresenta-se opaca e só pode produzir sentidos quando afetada pela interpretação que a confere certos sentidos e não outros. E, assim, a imagem, antes muda, ganha voz por meio do direcionamento de sentidos que as revistas lhe atribuem.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a discutir de que forma unidades de análise emergentes no estudo do discurso podem contribuir para a reformulação e permanência da teoria. Ao retomarmos a formulação pechetiana da teoria não-subjetiva da subjetividade, estamos propondo que ao lado das reformulações teóricas, deve-se buscar nas bases da Análise do Discurso as mudanças.

Percebemos que as considerações sobre sujeito e sentido permanecem articuladas aos conceitos de ideologia (interpretação), inconsciente e formações discursivas. O conceito de discurso como “efeito de sentidos” permanece atual e abre caminhos a outras formas de investigação desse objeto teórico.

Observamos também que, para o analista de discurso investigar a materialidade imagética, é preciso despi-la de sua evidência significativa e considerá-la, como propõe Pêcheux, opaca e muda. Somente, assim, é possível tornar visíveis as diferentes ideologias que a afetam, desvelando o processo de dissimulação da interpelação ideológica do sujeito discursivo.

A análise realizada nos permite deslumbrar o funcionamento da opacidade da imagem, revelando o papel da formação discursiva na produção de sentidos que desperta o olhar para aquilo que pode e deve ser visto, tornando invisível o que não pode e não deve ser visto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. (1968). *Aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significante em análise. RUA [online] – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*. Disponível em: < <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>, n. 16, v. 2, 2010, acessado em 12 de janeiro de 2012.

MARK, Karl; ENGELS, Friedrich. (1946). *A ideologia alemã*. Tradução de Orlando Vitorino. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda & LEANDRO FERREIRA, Maria C. (orgs). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153-162.

FERNANDES, Carolina. *O imaginário de Veja sobre os Lulas presidenciaíveis*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. Nas malhas da imagem: um estudo sobre o processo de reescritura a partir de capas de revista. *Práticas Discursivas Amazônicas*. Cacoal, RO, jul.-dez. de 2011, p. 83-96.

ORLANDI, Eni. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3 ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Por uma análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.61-89.

_____. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. (1983). *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. (1983). Papel da memória. Tradução de Eni P. Orlandi. In: ACHARD, Pierre et al. (orgs) *Papel da memória*. São Paulo: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine ; HENRY, Paul. (1971). La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. In: MALDIDIER, D. (org.). *L'inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions de Cendres, 1990, p.133-153.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Cathérine. (1975). Por uma análise automática do discurso; atualização e perspectivas. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.163-187.

SOBRINHO, Helson F. da Silva. Sujeito do Discurso, ideologia e luta de classes: um espectro ronda a AD e não cessa de produzir efeitos. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (ORGs). *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 105-123.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

SOUZA, Tânia C. C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: *Rua*, Campinas, SP, n. 7, 2001, p. 65-94.